

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RITUAIS FÚNEBRES E O PROCESSO DE LUTO: HERANÇA CULTURAL E TRADIÇÃO RELIGIOSA

BRIEF CONSIDERATIONS ON FUNERAL RITUALS AND THE MOURNING PROCESS: CULTURAL HERITAGE AND RELIGIOUS TRADITION

CLEITON CRUZ DE OLIVEIRA*

* Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel); Acadêmico do curso de Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF).
E-mail: cleiton.cruzoliveira12@gmail.com

PAULO GILBERTO GUBERT**

** Professor de Filosofia e de Teologia na Universidade Católica de Pelotas.
E-mail: gilbertogubert@gmail.com

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar uma breve introdução acerca da herança cultural e da tradição religiosa (cristã) no que tange aos rituais fúnebres e aos processos de luto.

Palavra-chave: Rituais fúnebres. Luto; Fé.

Abstract: The intent of the article is to present a brief introduction about cultural heritage and religious tradition (Christian) with regard to funeral rituals and mourning processes.

Keywords: Funeral rituals; Mourning; Faith.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O texto apresenta temáticas relacionadas aos ritos fúnebres do ponto de vista histórico e como os ritos foram ressignificados na perspectiva da fé cristã. Os rituais pré-cristãos de despedida contribuem diretamente à formação ritual dos rituais católicos. Portanto, a história dos ritos católicos forma-se a partir de outras culturas que contribuíram com essa formação. Essa importante riqueza ritual que antecede o cristianismo possibilita perceber a riqueza da diversidade de outras formas de compreender a ritualidade presente na morte, a partir de cada cultura.

Os ritos fúnebres constituem parte significativa do que a Igreja Católica e os cristãos consideram como a forma digna de despedir-se do

ente querido que falece. Estes ritos, ao longo do tempo, adequaram-se ao processo cultural que as sociedades vinham sofrendo. Da mesma forma, os processos de luto são legados de uma longa tradição cultural que, paulatinamente, tem procurado compreendê-los, não desde uma perspectiva patológica, mas como um processo salutar de resposta a um vínculo rompido, que pode encontrar ancoradouro na espiritualidade e na religiosidade.

O texto a seguir subdivide-se em três tópicos: *A herança cultural dos ritos fúnebres*; *A tradição antiga e a compreensão atual acerca dos ritos fúnebres cristãos* e *Notas conclusivas: O processo de luto*.

2 A HERANÇA CULTURAL DOS RITOS FÚNEBRES

A vida humana é marcada direta e indiretamente pela ritualização de momentos significativos, bem como por aspectos corriqueiros do cotidiano, que também são permeados por ritos. Desde quando acordam, as pessoas realizam rituais a todo momento. Ao levantar da cama, escovar os dentes e dar início às primeiras atividades do dia, por exemplo.

Desde a antiguidade, observa-se a realização de ritos que dão sentido à vida das pessoas e lhes auxiliam a melhor vivenciar suas experiências diárias. Os gregos, por exemplo, acreditavam nos sacrifícios como sendo uma forma de contentar os deuses.

No que tange ao ato de ritualizar a despedida, trata-se de uma forma encontrada pelos mais variados povos para honrar a memória daqueles que já morreram e tornar simbólico o momento vivido. De acordo com Ariès, "como muitos ou-

tros fatos de mentalidade que se situa em um longo período, a atitude diante da morte pode parecer quase imóvel através de períodos muito longos de tempo" (2012, p. 31).

Desde há muito tempo, os rituais fúnebres se distinguem entre duas dimensões: privada (**ante mortem**) e pública (**post mortem**). Conforme Ariès (2012) o rito de despedida era esperado e realizado quando a pessoa estava no leito de morte e recebia, por parte das pessoas mais próximas, consolação e orações para despedir-se da vida. A despedida pública, por sua vez, era realizada após a morte e contava com a presença de pessoas influentes da sociedade.

No contexto geral da antiguidade e do medievo, as pessoas simples morriam e nem sempre eram sepultadas em locais propícios e com as devidas homenagens, pois eram percebidas meramente como mão de obra irrelevante do ponto

de vista social e político. Pelo motivo de muitos serem escravos, suas vidas eram descartadas e nenhuma dignidade lhes era dada no momento de sua morte. Por outro lado, imperadores e autoridades religiosas recebiam rituais de despedida públicos, pelo fato de exercerem e ocuparem cargos de influência. Quem tinha direito à despedida pública eram pessoas que possuíam ascensão social como: reis, senadores, sacerdotes e influentes locais.

Já nos séculos XVIII e XIX uma nova característica é acrescentada à relevância social dos rituais de despedida das pessoas públicas: o quarto se torna um local público. Conforme explica ARIÈS,

o quarto do moribundo transformava-se, então, em lugar público, onde se entrava livremente. Os médicos do fim do século XVIII, que descobriram as primeiras regras de higiene, queixavam-se do excesso de pessoas no quarto dos agonizantes. Ainda no começo do século XIX, os passantes que encontravam na rua o pequeno cortejo do padre levando o viático acompanhavam-no, entrando, em seguida, no quarto do doente (2012, p. 39).

Neste sentido, percebe-se que alguns atos ritualísticos se mantêm, ao passo que outros são, gradualmente, modificados, ressignificados ou desaparecem. Tudo depende da relevância religiosa e social que determinado ritual ainda possui³.

2 A TRADIÇÃO ANTIGA E A COMPREENSÃO ATUAL ACERCA DOS RITOS FÚNEBRES CRISTÃOS

A Igreja Católica, ao longo dos séculos, precisou pensar e estruturar suas concepções de fé e de ritos em relação aos mortos e definir o que seria considerado sagrado ou profano. Assim, a contribuição de muitos filósofos e teólogos iluminou as decisões para a doutrina da fé e o magistério da Igreja estabeleceu em suas práticas as determinações.

Uma das primeiras decisões foi tomada a partir dos escritos sagrados, orientando a vida de fé e as práticas cotidianas tanto na vida quanto na morte. Para tanto, fazia-se necessário observar o caminho que cada fiel perfazia ao longo da vida, para certificar-se de sua aproximação com o sagrado, conforme assinala a Congregação para a Doutrina da Fé (2016):

desde o início os cristãos desejaram que os seus defuntos fossem objeto de orações e de memória por parte da comunidade cristã. Os seus túmulos tornaram-se lugares de oração, de memória e de reflexão. Os fiéis defuntos fazem parte da Igreja, que crê na comunhão “dos que peregrinam na terra, dos defuntos que estão levando a cabo a sua purificação e dos bem-aventurados do céu: formam todos uma só Igreja.

Portanto, desde os primórdios do cristianismo os cristãos pensavam, a partir do olhar da fé, sobre o que acontece com o corpo do defunto, após o término da vida biológica.

Além disso, para os primeiros cristãos, as igrejas e os cemitérios serviam como espaço para

³ “En las diferentes culturas se han desarrollado diversos ritos en torno a la muerte. El cuerpo del hombre muerto siempre há sido respetado, pero también, al mismo tiempo, existe el miedo a los muertos” (XAVIER, 2008, p. 16).

cultivar uma vida de oração e também como refúgio em tempos de perseguição⁴. Além disso, este contexto permitiu aos cristãos reafirmarem a necessidade de um ritual que marcasse, para os vivos, o fim da vida terrena indicando que, a partir daquele momento, a alma iria para junto de Deus, conforme a convicção da fé⁵.

Ao longo da história do cristianismo, as mudanças socioculturais impactaram na tomada de decisões acerca da preservação e da perseverança dos ritos canônicos, incluindo os ritos fúnebres. Por exemplo, o último documento publicado pela Igreja que trata do ritos fúnebres, intitulado *Instrução Ad resurgendum cum Christo*, traz à tona uma preocupação acerca da cremação dos corpos dos defuntos e enuncia os possíveis equívocos que tal prática pode induzir, especialmente no que concerne ao significado da morte à luz da fé cristã: "seja o aniquilamento definitivo da pessoa; seja o momento da sua fusão com a Mãe natureza ou com o universo; seja como

uma etapa no processo da reencarnação; seja ainda, como a libertação definitiva da 'prisão' do corpo" (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2016). Neste mesmo documento, a Congregação para a Doutrina da Fé trata de normatizar o tema da correta sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação, a partir da fé, da doutrina e da antiga tradição cristã.

Ademais, as celebrações das exéquias na prática cristã demonstram uma preocupação não apenas em garantir um bom destino para a alma de quem se foi, mas também levam em conta o luto enfrentado por quem perdeu algum familiar. Neste caso, aspectos religiosos podem se misturar aos sentimentos relativos à pessoa falecida, dado que a morte envolve intrinsecamente o mistério da fé. Diante disso, a celebração é cercada por uma ritualidade que não apenas diz respeito ao defunto, mas também deve simbolizar e concretizar na vida dos vivos aquela pessoa que partiu, contribuindo decisivamente para a vivência do luto.

3 NOTAS CONCLUSIVAS: O PROCESSO DE LUTO

A concepção de luto que se revela na sociedade é fruto de um processo histórico, filosófico e teológico desenvolvido ao longo do tempo. Para os filósofos Sócrates e Epicuro, por exemplo, o ato de filosofar era considerado como uma preparação para a morte. Essa ideia é concebi-

da como uma tentativa de melhor aceitação do inevitável fato da morte e, diante disso, elaborar algo como um luto simbólico de si mesmo.

O luto também tinha conotação política, como no caso da Roma antiga, em que

⁴ Nesses locais havia respeito por parte do Império Romano e, conseqüentemente, não eram invadidos pelos soldados. Além disso, a história que entrelaça o Império Romano com o desenvolvimento do cristianismo suscitará mudanças de concepções, como, por exemplo, em relação à herança. A partir da idade média, os ritos fúnebres são sucedidos de uma preocupação em garantir ao filho uma herança, permitindo-lhe as condições necessárias para sobreviver após a morte do pai. Segundo Ariès, naquele contexto, "uma criança não tem Fortuna própria e tudo que ganha ou recebe em herança pertence ao pai. Mas o pai pode lhe conceder certo capital, o "pecúlio" do qual disporá como quiser. O filho, portanto, tinha razões para esperar" (1989, p. 40).

⁵ O tema do martírio insere-se aqui de maneira particularmente interessante pois, na concepção de fé Católica Apostólica Romana, o martírio não é escolha. É a consequência proveniente de um segmento autêntico e radical ao evangelho de Jesus Cristo. Assim, o martírio não é algo buscado, mas ocorre em virtude de uma escolha de vida, que levou o indivíduo primeiramente a compreender e seguir Jesus Cristo e, a partir daí doar a sua própria vida. Se, em decorrência dessa doação e por conseqüências não evitáveis acontecer a sua morte, poderá ser reconhecido pela Santa Sé como mártir.

era expresso por enlutados que vestiam a toga pulla (toga negra), embora em alguns momentos pudesse representar um perigo ou ansiedade pública, ou ainda, um tipo de protesto. Por exemplo, quando Cícero (106-43 a. C.) foi exilado em Durazzo (Dirraquio), os senadores resolveram usar a pullae togae para manifestar sua contrariedade, atitude contra a pressão política feita por Pisão (séc. I a. C.) e Clódio (92-52 a. C.). Ou seja, o ano de luto e a cor negra como seu símbolo remontam à Antiguidade (COSTA, [2018?]).

As contribuições feitas ao longo dos séculos por inúmeros filósofos e teólogos, nos fazem perceber que o enlutamento muda também a história e realidade de muitas famílias, consequentemente modificando a forma de compreender a realidade social e cultural e possibilitando a resignificação do luto já não mais como algo necessariamente ruim ou patológico.

De acordo com Casellato (2020), no período contemporâneo, entende-se o luto como um processo de resposta a um vínculo rompido, não apenas à morte de uma pessoa significativa. O luto pode acontecer por tudo aquilo que constitui vínculo em nosso ser, requerendo olhar para esse processo com acolhimento e reconhecimento diante da perda que a pessoa sofreu.

A compreensão desenvolvida ao longo dos anos foi ampliando a forma de compreensão da realidade do enlutado. Por isso, o próprio processo histórico de entendimento da ritualidade que acompanha o enlutado possibilitou a abertura e o acolhimento a esta nova realidade que acompanha a perda.

Enfim, o luto frequentemente envolve a relação que cada ser humano tem com o transcendente, tanto no que diz respeito à espiritualidade, quanto à religiosidade. Independentemente da crença, há sempre uma busca pelo transcendente, por aquilo que, especialmente nos momen-

tos difíceis, poderá contribuir para dar suporte e sustento para a vida. Para os que acreditam em Deus, trata-se do processo de estabelecer essa conexão que influenciará suas práticas e ações diante da perda.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Felipe. **A história da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CASELLATO, Gabriela. **Luto por perdas não legitimadas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2020.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução Ad resurgendum cum Christo**: A propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação. Roma: 2016. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html. Acesso em: 17 maio de 2023.

COSTA, Ricardo Luiz Silveira da. A dor da perda: As mulheres e o luto na história. **Blog Idade Média**. [Espírito Santo, 2017?]. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/dor-da-perda-mulheres-e-o-luto-na-historia>. Acesso em: 02 jun. 2023.

XAVIER, Francesc Parés. **Las Exequias Cristianas**. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2008.